

## A DISSOLUÇÃO DO IDEAL REVOLUCIONÁRIO NA NARRATIVA DE BAR DON JUAN, DE ANTONIO CALLADO

*THE DISSOLUTION OF THE REVOLUTIONARY IDEAL IN THE NARRATIVE OF BAR DON JUAN, BY ANTONIO CALLADO*

**Ezedequias de Souza Correa**

Licenciatura plena em letras (UEAP).  
Especialista em Cultura e Literatura (Educamais).  
Mestrando em Estudos Literários (UNIFAP).  
[letras.ap.13@gmail.com](mailto:letras.ap.13@gmail.com)

62

### Resumo

O presente artigo tem como objeto de análise o romance Bar Don Juan, de autoria do escritor brasileiro Antonio Callado, cuja primeira edição data de 1971, auge do regime militar no Brasil. Interessa a este trabalho investigar os aspectos da narrativa que reproduzem ou perpetuam a visão pessimista do narrador, que se evidencia a partir de uma narrativa fragmentada e, aos poucos, revela a desconstrução da crença no ideal revolucionário e na ação direta como possibilidades de resistência contra a ditadura militar que perdurou entre os anos de 1964 a 1985, e como esse discurso derrotista está fragmentado de maneira a provocar no leitor a compreensão de insucesso de qualquer tentativa de oposição.

**Palavras-chave:** narrativa fragmentada, resistência, ditadura.

### Abstract

*The object of this article is the novel Bar Don Juan, by the Brazilian writer Antonio Callado, whose first edition dates from 1971, the height of the military regime in Brazil. This work is interested in investigating the aspects of the narrative that reproduce or reinforce the pessimistic view of the author from a fragmented narrative that little by little deconstructs the revolutionary ideal and direct action as possibilities of resistance during the years of lead in Brazil, and how this defeatist discourse is fragmented in such a way as to provoke in the reader the understanding of the failure of any attempt at opposition.*

**Keywords:** fragmented narrative, resistance, dictatorship.

## INTRODUÇÃO

Os eventos políticos que sucederam o ano de 1964 impactaram a produção literária brasileira de tal maneira que aquele contexto histórico provocou um redirecionamento das temáticas abordadas até então. Autores de todos os gêneros se viram compelidos, de alguma forma, a retratar o ambiente de repressão e supressão dos direitos civis, do retrocesso nas políticas de direitos humanos, do cerceamento da liberdade de expressão e do direito ao protesto.

A assim denominada “literatura de resistência” não é resultado exclusivo do período da ditadura civil-militar no Brasil, na verdade, autores que publicaram antes da década de 60 já abordavam em seus escritos temas afins com aqueles produzidos no pós-1964. Bosi (2002, p. 126)

faz lembrar que “No Brasil, as Memórias do cárcere de Graciliano Ramos, obra que não quis ser nem ficcional, nem documental, mas testemunhal, corresponde à literatura de resistência que tem em alguns poemas de Drummond o seu ponto alto. A rosa do povo é de 45.”

Foi a partir de 1964, porém, que os ânimos se acirraram e escritores, dos mais variados gêneros, apostaram em uma literatura que pudesse, de alguma maneira, prestar conta à sociedade daquele momento histórico e fazer frente ao terror promovido pelo estado autoritário que se instalou então. Bosi (2002, p. 125) observa que “Há momentos coletivos em que o élan revolucionário polariza e, comove tanto os homens de ação como os criadores de ficção”.

A ditadura militar estabeleceu uma estrutura de censura arquitetada de forma a paralisar ou dificultar a veiculação de notícias desfavoráveis e que pudessem vir a revelar a maneira violenta com que o estado reprimia qualquer intenção ou ação divergente. Havia, nesse sentido, um silenciamento da imprensa que ficava impedida de exercer seu papel constitucional.

É nesse contexto de forte censura e silenciamento que se dá a abertura para que escritores façam de suas respectivas literaturas canais de denúncia daquele estado de coisas, e assim possam, de alguma forma, preencher o vazio deixado pelo jornalismo investigativo, impedido que estava de exercer seu papel.

Num primeiro momento o clima que se estabelecia era o de severa animosidade misturada a uma crença de que no final de tudo a tão sonhada revolução do proletariado triunfaria sobre o projeto autoritário da extrema-direita, porém com o passar dos anos esse sentimento de esperança foi se esvaindo à medida que o regime endureceu seus métodos. Bar Don Juan é fruto desse instante em que as esperanças esquerdistas se apequenam mediante a força bruta da ditadura.

No romance Bar Don Juan, o autor desenvolve uma narrativa derrotista, que denota total descrença na possibilidade de algum sucesso da resistência frente ao aparato repressor do estado. O presente artigo tem como finalidade investigar as categorias do discurso no romance Bar Don Juan por intermédio das falas dos personagens, pelas sugestões apresentadas pelo narrador, e também refletir sobre a condição de sujeito histórico do próprio autor que influencia sobre sua obra de maneira decisiva.

## **METODOLOGIA**

Para a composição deste trabalho foi necessário fazer uso de um conjunto de conhecimentos diversos, a fim de fundamentar a perspectiva apresentada neste artigo. Nesse

sentido, a leitura atenta do romance *Bar Don Juan* (2014), de Antonio Callado, foi de importância capital.

De igual importância foi a leitura do texto *Callado e a “vocação empenhada” do romance brasileiro* (2014), de autoria da crítica Literária Ligia Chiappini, texto onde a autora estabelece paralelos entre os objetivos dos escritores românticos e dos escritores pós-modernos, com especial atenção para Antonio Callado.

O Texto *O senhor das letras* (2014), de Eric Nepomuceno foi também aproveitado para a fundamentação teórica deste trabalho, uma vez que este autor traça um perfil da literatura produzida por Antonio Callado e sobre sua importância no contexto histórico da ditadura civil-militar no Brasil.

O artigo acadêmico *Reféns do discurso guerrilheiro: as personagens de Bar Don Juan e a ditadura militar* (2002), de Macari Ferreira e Rosa Rangel traz importantes contribuições no que diz respeito a análise do discurso de enfrentamento e resistência ao regime militar e seus potenciais problemas práticos.

Em *A relação entre história e literatura: uma análise do livro Bar Don Juan* (2019), de Camila Regina Fontana, a estudiosa apresenta formidáveis considerações sobre a produção literária de Antonio Callado nos anos em que se estabeleceu a ditadura militar no Brasil. A autora argumenta em prol da relevância da experiência de Antônio Callado como jornalista para a sua produção literária.

Leitura de capital importância, de um dos grandes mestres dos estudos literários no Brasil, o livro *Literatura e resistência* (2002), do professor Alfredo Bosi, contribui para uma compreensão mais estendida daquilo que convencionou-se chamar de literatura de resistência.

Por fim, na dissertação de mestrado *A crise das utopias: a esquerda nos romances de Antonio Callado*, de Giselle Larizzatti Agazzi (1998), ocorrem importantes apontamentos sobre a relação da esquerda e a ditadura militar. A autora sustenta a ideia de esgarçamento dos ideais revolucionários diante do forte aparato militar criado por seus alçozes, tornando qualquer possibilidade de resistência infrutífera.

## **A LITERATURA BRASILEIRA E OS ANOS DE CHUMBO**

A ditadura militar no Brasil perdurou entre os anos de 1964 a 1985 e teve grande impacto na cultura e na literatura do país. Durante esse período, o regime de exceção impôs uma série de

restrições à liberdade de expressão, e a censura foi imposta, sobretudo à imprensa, à arte e a cultura de maneira geral.

Muitos autores foram exilados, presos e tiveram suas obras censuradas e proibidas. A literatura brasileira, com ênfase no romance, durante a ditadura, ficou marcada por uma tendência de resistência política e social, com a publicação de obras que contestavam e denunciavam a repressão e a violência dos torturadores e censores. Sobre a literatura produzida nesse período, Fontana assevera “Os romances produzidos neste período podem ser considerados como fontes históricas, uma vez que entrelaçavam em suas páginas fatos cotidianos e reais deste período” (2019, p.14).

Nesse sentido é possível afirmar que os romancistas exerciam, sobretudo, o trabalho que aos jornalistas fora negado, que seria o de expor a verdade cruel sobre o que acontecia nos porões da ditadura, sobre a censura aos artistas, sobre o silenciamento das minorias e sobre a opressão a qualquer voz divergente.

Um dos principais nomes da literatura brasileira a despontar no contexto da ditadura militar foi o escritor Antonio Callado. O autor de *Bar Don Juan* (2014) destacou-se com sua tetralogia escrita entre os anos de 1967 a 1981. Neste período ele escreveu quatro romances que têm em comum a recorrência da temática da ditadura militar e seus impactos no campo político da esquerda. Para Chiappini (2014, p.14), “a ficção como tentativa de revelar, conhecer e dar a conhecer nosso país constitui o projeto dos românticos e é, ainda, o projeto de Callado, que, como Gonçalves Dias, Graça Aranha e Oswald de Andrade, redescobre o Brasil”.

Outros autores como Clarice Lispector, João Ubaldo Ribeiro e Carlos Drummond de Andrade também sofreram com a censura e a repressão do regime militar, mas a despeito do aparato repressor do estado, conseguiram se destacar no cenário literário brasileiro.

A literatura, durante a ditadura militar, também foi marcada por uma produção de obras que buscavam dar voz aos excluídos da sociedade, como os pobres, os negros e os LGBTQIAP+. Nesse sentido, obras como *Incidente em Antares*, de Erico Verissimo; *Relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski; *Morangos Mofados*, de Caio Fernando Abreu, ganharam destaque. A literatura brasileira durante a ditadura militar, portanto, foi um reflexo do contexto político e social do país da época, marcada pela censura, pela repressão e pela resistência.

## ANTONIO CALLADO E SUA TETRALOGIA DA DESESPERANÇA

Antonio Callado foi um escritor brasileiro nascido em Niterói, Rio de Janeiro, no ano de 1917. Formou-se em Direito, mas nunca exerceu. Iniciou sua carreira profissional como jornalista, passando por variados veículos da imprensa nacional e até mesmo realizando a cobertura jornalística da segunda guerra mundial a partir de Londres, capital da Inglaterra. Sobre sua carreira de jornalista Nepomuceno (2014, P. 316) escreve:

De correspondente de guerra na BBC a testemunha do surgimento do parque nacional do Xingu, passando pela experiência definitiva de ter sido o único jornalista brasileiro, e um dos poucos, pouquíssimos ocidentais a entrar no então Vietnã do Norte em plena guerra desatada pelos Estados Unidos.

Concomitante ao trabalho de jornalista construiu sua carreira como escritor. Na década de 70 fez sua opção definitiva pela literatura ao abandonar o jornalismo. Callado teve uma ativa participação política em diversos momentos da história do Brasil, tendo sido preso durante a Ditadura Militar pelo regime autoritário que governou o país entre 1964 e 1985. A experiência o inspirou a escrever o livro "Quarup", que é considerado uma das mais importantes obras literárias sobre esse período histórico. Sobre as posições políticas de Callado, Nepomuceno (2014, P.314) assevera:

Dizia que, ao longo do tempo, sua maneira de ver o mundo e a vida teve muitas mudanças, mas algumas – as essenciais – permaneceram intactas. 'Sou e sempre fui um homem de esquerda', dizia ele. 'Nunca me filiei a nenhum partido, a nenhuma organização, mas sempre soube qual era o meu rumo, o meu caminho'. Permaneceu, até o fim, fiel, absolutamente fiel, ao seu pensamento. 'Sempre fui um homem que crê no socialismo', assegurava ele.

Antonio Callado faleceu em 1997, em Petrópolis, Rio de Janeiro, deixando uma vasta produção literária que continua a ser estudada e discutida nos dias de hoje. Sua obra é marcada pela preocupação com as questões políticas e sociais do Brasil e pelo estilo de narrativa arrebatadora que envolve o leitor desde as primeiras páginas.

Seu primeiro livro, intitulado *Assunção de Salviano* (1954), foi publicado em 1936. A partir daí, publicou diversos romances, contos e ensaios, sendo considerado um dos maiores escritores brasileiros do século XX. Entre as obras de maior expressão encontram-se *Quarup* (1967), *Bar Don Juan* (1971), *Reflexos do baile* (1976) e *Sempreviva* (1981), tetralogia de romances reconhecida pela postura de contestação frente ao horror da censura e opressão perpetrados pelos agentes da ditadura militar no Brasil.

Sobre essa tetralogia é possível afirmar que Antonio Callado varia entre uma vaga esperança e um pessimismo ferrenho para com a resistência à ditadura militar no Brasil. No que diz respeito aos aspectos mais gerais desse conjunto de publicações, esclarece Fontana (2019, p. 02) “as quatro versam sobre política, o índio e a história do Brasil em um dos piores momentos que o país vivenciou, a ditadura militar”. De outra forma Agazzi (1998, p. 04) assevera “as narrativas compõem, assim, uma tetralogia já que as obras dedicam-se à compreensão e análise crítica da luta das esquerdas contra o período ditatorial, o que se revela tanto no conteúdo quanto na estruturação das narrativas”.

Antonio Callado sentiu a necessidade de escrever sobre aquele momento histórico tão grave no qual o país estava envolvido, para tanto não poderia fazê-lo a partir de seu trabalho como jornalista, já que a censura prévia sobre artigos jornalísticos inviabilizaria qualquer chance de tornar suas denúncias de conhecimento público, por essa razão construiu o fluxo de suas informações com sua arte, para que mesmo sob o subterfúgio de uma pretensa ficcionalidade, pudesse fazer chegar a seu público leitor sua voz denunciante.

Outro aspecto a ser considerado se tratando dessa tetralogia é o fato que, de maneira progressiva, o autor caminha para um estado de desesperança absoluta em relação à esquerda e sua ingrata luta contra a ditadura. A crença no ideal revolucionário cai por terra quando lemos as páginas dos livros dessa tetralogia. Agazzi (1998, P. 05) observa:

Lidos em conjunto, os romances contam a derrota das esquerdas pela ditadura, contam a crise das utopias de esquerda, que se dá tanto pelas situações cruéis e desumanas a que os revolucionários foram submetidos, estraçalhando com as suas subjetividades, como pelo remoinho de falsas imagens em que os homens se perderam por não encontrarem sentidos em suas vidas pessoais, quando mais na sua luta coletiva.

Os romances *Quarup* (1967), *Bar Don Juan* (1971), *Reflexos do baile* (1976) e *Sempreviva* (1981), são considerados uma tetralogia não por serem uma narrativa contada em sequência, como se fosse uma mesma história, com os mesmos personagens. Estudiosos convencionaram chamar estes quatro livros de tetralogia porque eles têm em comum um mesmo eixo temático, que são, a saber: a denúncia dos horrores da ditadura e o insucesso da resistência em face ao aparato ideológico e militar da ditadura.

*Bar Don Juan* é o segundo livro da tetralogia de Antonio Callado, antecedido por *Quarup* e seguido por *Reflexos do Baile* e depois *Sempreviva*. Publicado pela primeira vez no ano de 1971,

no auge da ditadura militar, após o <sup>1</sup>Ato Institucional de número 05, conhecido como AI 5, Bar Don Juan representa a fase menos esperançosa do autor.

O narrador, em Bar Don Juan, deixa claro, desde o início da narrativa, a sua descrença no movimento de guerrilha como alternativa de resistência mediante a truculência do regime autoritário que se antecipa a cada movimento dos jovens revolucionários. De acordo com Ferreira e Rangel (2002, p. 01), “o romance expõe uma espécie de discurso da derrota, em que os personagens participam do plano de guerrilha revolucionária, lutando em busca de um ideal fadado ao fracasso”. Os jovens revolucionários contam apenas com sua vontade de se opor ao regime, mas que de fato não possuem qualquer experiência no manuseio de armas, por exemplo.

Durante todo o percurso narrativo o leitor acompanha a trajetória de alguns jovens da classe média carioca que frequentam o Bar Don Juan, nesse local eles se reúnem para falar de diversos assuntos, para namorar, para beber, mas também para planejar a ação direta contra a ditadura. Eles são intelectuais, leitores dos textos de Lenin e de Marx. Murta, cineasta adepto do cinema novo, gosta de recitar os poemas de Garcia Lorca e, na verdade, está interessado menos na revolução e mais em poder realizar seu novo projeto cinematográfico. Ferreira e Rangel (2002, p. 03) concluem que:

Bar Don Juan costuma ser visto, pelos estudiosos em literatura, como um romance que critica a chamada esquerda festiva, no período das guerrilhas contra a ditadura militar, época em que os intelectuais de esquerda, derrotados em 1964, buscavam o sonho de fazer a grande revolução da América Latina, unindo-se a Che Guevara na Bolívia.

João, líder do grupo, é, aparentemente, o mais comprometido com a resistência, chegando até mesmo a manter contato com pessoas próximas ao líder revolucionário Ernesto Guevara. É um jornalista que escreve poemas nas horas vagas e que pretende iniciar o movimento revolucionário no Brasil quando chegar as férias para que sua rotina de trabalho não seja afetada.

A narrativa inicia-se com o trágico relato da prisão e tortura do casal protagonista, João e Laurinha, que foram levados aos porões de uma delegacia onde sofreram toda sorte de maus tratos, incluindo o estupro de Laurinha na presença de seu noivo. O trauma do estupro perseguirá Laurinha por toda a trama e será uma razão a mais para motivar João em sua empreitada revolucionária.

---

<sup>1</sup> De acordo com o site politize através do AI 5 o Presidente da República poderia decretar o recesso do Congresso Nacional, das Assembleias Legislativas e das Câmaras de Vereadores, por Ato Complementar, em estado de sítio ou fora dele, só voltando os mesmos a funcionar quando convocados pelo Presidente da República (Art 2º, AI-5)

Nesse grupo há ainda o Mansinho, jornalista e mulherengo que tem um affaire com Mariana, personagem que também faz parte desse grupo, mas fica claro ao leitor que ela apenas frequenta o bar Don Juan porque é apaixonada por Mansinho e não porque teria algum interesse maior na resistência. Mariana é ex-esposa de Gil, um escritor de sucesso que num primeiro momento compunha essa roda de amigos, mas que por conta da rejeição de Mariana que o abandona para ficar com Mansinho, ele se desilude e vai morar em Corumbá, fronteira com a Bolívia.

Outro personagem emblemático é Aniceto, gerente do bar Don Juan. Em outros tempos Aniceto era matador de aluguel em Alagoas, lugar de onde veio foragido por haver matado um político proeminente. O narrador esclarece que de todo o grupo Aniceto era o único a saber, de fato, manusear uma arma de fogo. Por não ter uma formação letrada, Aniceto é, muitas vezes, deixado de lado pelo grupo, porém é ele quem promove a vingança contra Salvador, alzo de Laurinha e João.

O livro é organizado em três partes e dividido em 12 capítulos, que por sua vez são distribuídos em cenas. Na parte I do livro acontece a apresentação dos personagens, a descrição de suas vidas na zona sul do Rio de Janeiro e o planejamento para a viagem até Corumbá, onde João manteria contato com a guerrilha na Bolívia e uma parte do grupo se juntaria a Che Guevara enquanto outra parte ficaria responsável por iniciar um foco de guerrilha em solo brasileiro. Sobre a estrutura do livro Ferreira e Rangel (2002, p. 03) afirmam: “Dessa forma, com a trama escrita de maneira fragmentada, tem-se uma visão turva, conflitada do pensamento da época e, principalmente, das personagens”.

Na parte II da narrativa acontece a execução do projeto arquitetado na parte I e o narrador descreve toda derrocada dos revolucionários frente aos agentes da ditadura. Mansinho e João são assassinados, Murta enlouquece, Che Guevara é finalmente capturado pelas forças bolivianas e o leitor assiste diante de seus olhos o ideal revolucionário se dissipando ante a truculência das forças policiais.

Por fim, na parte III, o narrador realiza uma descrição detalhada das consequências provocadas pelas ações dos supostos revolucionários. O narrador é didático ao retomar o cotidiano de Laurinha, viúva de João, ou dos pais de Mansinho que tiveram seus dois filhos assassinados por agentes da ditadura, ou ainda o Murta que perdeu a sanidade e tantos personagens que foram abalados direta e indiretamente pelas ações malsucedidas de seus entes queridos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho não esgota as possibilidades de análise do livro Bar Don Juan na perspectiva para a qual se dedica, pelo contrário, trata-se de um esforço inicial a fim de colocar outros pontos de vista na ordem do dia. A escrita fragmentada de Antonio Callado necessita ser analisada com maior acuidade a fim de alcançar outros entendimentos que se juntarão à fortuna crítica em torno desta obra.

Bar Don Juan, assim como os demais romances que compõem a tetralogia de Antonio Callado, pode fornecer material para análise, das mais diversas. Sem descartar a possibilidade de ser compreendido como um documento histórico que dá conta de um período conturbado da história do Brasil, ele também pode ser visto como a materialidade do talento de um escritor que não se furtou em retratar o seu tempo.

## REFERÊNCIAS

- Agazzi, G. L. (1998). *A crise das utopias: a esquerda nos romances de Antônio Callado* [Dissertação de Mestrado, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo].
- Bosi, A. (2002). *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das letras.
- Callado, A. (2014). *Bar Don Juan*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. José Olympio.
- Chiappini, L. (2013, 29 de janeiro). Callado e a “vocação empenhada” do romance brasileiro. *Blog Letras In.Verso e Re.Verso*. Recuperado de <https://www.blogletras.com/2010/02/callado-e-vocacao-empenhada-do-romance.html>
- Ferreira, A. M., & da Rosa Range, C. R. (2002). Reféns do discurso guerrilheiro: as personagens de Bar Don Juan e a ditadura militar. *Disciplinarum Scientia | Artes, Letras e Comunicação*, 3(1), 93-105.
- Fontana, C. R. (2019). A Relação entre História e Literatura: uma análise do livro Bar Don Juan. *Revista De Literatura, História E Memória*, 15(25), 215–228. Recuperado de <https://doi.org/10.48075/rlhm.v15i25.21667>
- Franklin, J. (2020, 21 de setembro). AI-5: Qual o seu impacto na democracia brasileira? [POLITIZE]. Recuperado de <https://www.politize.com.br/ato-institucional-5/>
- Nepomuceno, E. (2014). *Prefácio*. In A. Callado, Bar Don Juan. Ed. José Olympio.

### Informações do Artigo / Article Information

**Recebido em:** 16 de maio de 2024

**Received on:** May 16th, 2024

**Aprovado em:** 24 de junho de 2024

**Accepted on:** June 24th, 2024

**Publicado em:** 30 de junho de 2024

**Published on:** June 30th, 2024

**Conflitos de Interesse:** Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

**Conflict of Interest:** None reported.

**Avaliação do artigo:** Artigo avaliado por pares.

**Article Peer Review:** Double review.

**Agência de Fomento:** Não tem.

**Funding:** No funding.

**Como citar este artigo / How to cite this article**

**APA**

Correa, E. S. (2024). A dissolução do ideal revolucionário na narrativa de Bar Don Juan, de Antonio Callado. *Rev. Mult. Amapá - REMAP*, 4 (1), 62-71.

**ABNT**

CORREA, E. S. A dissolução do ideal revolucionário na narrativa de Bar Don Juan, de Antonio Callado. **Rev. Mult. Amapá - REMAP**, Macapá, v. 4, n.1, 2024.



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.